

# REVISTA MARACANAN

Dossiê

## Do “mercado imperfeito”: sobre corpos, africanos e médicos no Rio de Janeiro oitocentista

*Under an “Imperfect Market”: on bodies, Africans and doctors in Rio de Janeiro Eighteenth*

**Iamara da Silva Viana\***

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

**Flávio dos Santos Gomes\*\***

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

**Recebido em:** 15 fev. 2019.

**Aprovado em:** 6 jun. 2019.



---

Agradecemos as críticas e sugestões dos pareceristas *ad hoc*, assim como da equipe editorial da *Revista Maracanã*. Este texto faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre africanos, corpos, linguagens, imagens e narrativas no Brasil oitocentista que conta com o apoio do CNPq, Fiocruz, UFRJ e PUC-Rio.

\* Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pesquisadora em estágio de pós-doutorado no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em História Social pela UERJ; e, graduada em História pela UFRJ. (ia.sviana@gmail.com)  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8734218761246193>

\*\* Professor Adjunto do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Doutor e Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas; graduado em Ciências Sociais pela UFRJ e em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (escravo@prolink.com.br)  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0005791997581423>

## Resumo

Neste artigo abordamos algumas construções tópicas sobre o corpo africano na primeira metade do século XIX. Consideramos as décadas de 30 a 50 – contextos de expansão econômica e entrada massiva de africanos na cidade do Rio de Janeiro – enquanto importantes na constituição da ideia de corpo para os africanos escravizados, nas suas dimensões físicas e corporais. Com base em séries de anúncios de jornais, de registros policiais, de relatos de viajantes e manuais agrícolas escritos por médicos analisamos as montagens de algumas narrativas sobre o corpo dos africanos, argumentando como vários sinais diacríticos foram acionados por mercadores, senhores, médicos e agentes policiais.

**Palavras-chaves:** Escravidão Atlântica. Corpo. Médicos.

## Abstract

In this article we discuss some topical constructions on the African body in the first half of the 19th century in Rio de Janeiro. We consider the decades from 30 to 50 – contexts of economic expansion and massive entry of Africans in the city of Rio de Janeiro – as important in the construction of the idea of body for enslaved Africans in their physical and bodily dimensions. Based on series of newspaper advertisements, police records, travelers' reports and agricultural manuals written by doctors we have analyzed the assemblages of some narratives about the African body, arguing how various diacritical signs were triggered by merchants, masters, doctors, and police officers.

**Key Words:** Atlantic Slavery. Body. Doctors,

Em fins de 1826, mais um processo chegaria à Corte de Apelação do Rio de Janeiro envolvendo disputas comerciais sobre compra e venda de escravizados. Narrativas de compradores insatisfeitos, vendedores ávidos e africanos espantados emergiram. Joana Rosa dos Santos garantiu ter comprado de Felix José dos Santos, por 160\$00 rs., uma “escrava nova de nação Cabinda e de nome *Cumba*”. A africana estava doente e morreu meses depois. Segundo a compradora, “sucede ser a dita escrava por costume atacada nas Luas, e quartas de Luas de moléstia crônica, ficando doida e furiosa”. A recente proprietária teria tentado, sem sucesso, desfazer o negócio junto ao Felix. Nada feito. Processo cível instaurado, entrando em ação cirurgiões, médicos e negociantes entre testemunhas e peritos acionados pelos advogados. O vendedor se defendia, considerando que se tratava de “escrava nova da Guiné” vendida há dois ou três dias depois de chegada ao porto do Valongo. Sequer tinha sido encaminhada para o Lazareto ou armazéns. Além disto, passaram-se quase seis meses da morte da africana, sendo que um “comprador de escravo de Guiné só pode enjeitá-lo dentro de um mês”. Mas os advogados da compradora lembravam que tal prazo só era “relativo aos escravos da Guiné, e não pode sofrer ampliação aos escravos vindos de outras partes”. Afinal, *Cumba* era uma africana do Congo Norte. As justificativas sobre o que acontecia com africanos recém desembarcados que podiam passar pequenas temporadas em armazéns e casas de comércio – tanto curando enfermidades adquiridas nas viagens negreiras ou das epidemias que grassavam na Corte – também seriam acionadas.<sup>1</sup>

O episódio com *Cumba*, que logo morreu, lança luz e sombras sobre a complexa atmosfera de expectativas, tensões, saberes e experiências em torno do mercado de africanos recém-chegados no porto do Rio de Janeiro. Não são poucos os processos cíveis de compra e venda desfeitas por reclamações de engodos, acusações de escravizados roubados e, sobretudo, alegações de enfermidades crônicas anteriores as transações. Das lógicas imperfeitas de saberes, das convenções, dos costumes e das práticas em torno do mercado de escravizados foram construídas imagens, narrativas, descrições e tópicos sobre os corpos dos escravizados, fundamentalmente africanos. Algumas dimensões aqui que podem ser exploradas: experiências e saberes no mercado de escravizados constituindo discursivamente o *corpo* do escravizado africano. Pensar as concepções de/dos corpos, seus lugares sociais, presença no imaginário e na vida cotidiana sugerem reflexões sobre linguagens de dominação, ideologias de controle e a constituição de saberes médicos e também de fazendeiros/negociantes/agentes policiais num mercado imperfeito de convenções, ideias migratórias e experiências de senhores e escravizados.<sup>2</sup> Neste breve

<sup>1</sup> Arquivo Nacional – Rio de Janeiro (AN-RJ). Relação do Rio de Janeiro, cx. 583, proc. 1093.

<sup>2</sup> As reflexões clássicas no debate historiográfico sobre os projetos de senhores e escravizados apareceram em: SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da*

artigo, ensaiamos – testando bases empíricas – abordagens sobre as montagens de tópicas narrativas sobre o corpo africano na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro.

## Dos corpos impressos e anunciados

Como emergiram narrativas e descrições sobre o corpo africano nas experiências do tráfico Atlântico, no mercado e nas primeiras fases e faces da escravização? Imagens abundantes apareceriam nos periódicos oitocentistas, especialmente anúncios de compra e venda, sobretudo a respeito de fugitivos.<sup>3</sup> Mas a origem deste tipo de narrativa e convenções data do século XVIII nas sociedades escravistas e com escravos nas Américas e também em cidades europeias. Jornais de Lisboa setecentista já noticiavam diariamente escravizados, servos e agregados – não só africanos, mas também aqueles chamados *mouros* – descrevendo comportamentos, roupas e, fundamentalmente seus corpos. Seria o alvorecer pré-iluminista da construção das tópicas a respeito dos corpos escravizados em narrativas que contavam ao mesmo tempo com convenções literárias e experiências da servidão urbana.

Consideremos algumas amostras na *Gazeta de Lisboa*, entre 1717 e 1724. Para Lisboa e seus arredores – áreas urbanas e semiurbanas – repletas de população cativa e livre surgiriam tópicas sobre corpos que mais tarde ganhariam mais signos sendo estendidas aos periódicos do Brasil do século XIX. Da Rua das Flores, centro de Lisboa, tinha desaparecido em março de 1717 um “índio preto natural de Bengala”.<sup>4</sup> Era alguém “de forma mediana, cara larga, bexigoso, cabelo comprido e corredio, chamado Joseph”. No final do mês era a vez de “uma escrava”, chamada Lucrecia, “natural da Índia”, tendo “estatura baixa, cara redonda, cabelo corredio”.<sup>5</sup> Escravizados ou não, de origens africanas e asiáticas – além daqueles nascidos em Portugal – apareceriam esquadrihados. Dos olhos de Thomé

---

família escrava, Brasil, Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Para reflexões historiográficas ver: GOMES, Flavio dos Santos. Escravidão. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Claudio Alves (orgs.). *Dicionário crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: Ed. UFBA, 2014; KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Ed. USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010; KLEIN, Herbert S. American Slavery in Recent Brazilian Scholarship, with Emphasis on Quantitative Socio-economic Studies. (Review Essay). *Slavery & Abolition*, v. 30, n. 1, p. 111-133, 2009; MARQUESE, Rafael de Bivar; SALLES, Ricardo. A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia. In: MARQUESE, Rafael de Bivar; SALLES, Ricardo (orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016; QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Rebelião escrava e historiografia. *Estudos econômicos*, v. 17, n. especial, p. 7-35, 1987; SCHWARTZ, Stuart B. Recent trends in the study of slavery in Brazil. *Luso-Brazilian Review*, v. 25, n. 1, p. 1-25, 1988.

<sup>3</sup> Embora pouco citado, o estudo de Gilberto Freyre – de 1963, com edição ampliada em 1979 – continua um clássico em termos de pioneirismo metodológico. Cf.: FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos Anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª ed. (ampliada). Rio de Janeiro; Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

<sup>4</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 11 mar. 1717.

<sup>5</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 25 mar. 1717.

de Lemos de Faria, um Juiz da Alfândega da Vila Nova de Portimão no Reino de Algarve, tinha desaparecido um "escravo, chamado Joseph Moreyra, do qual não teve mais notícia, é de estatura grande e defeituosa, testa alta com as entradas grandes, olhos pequenos, nariz chato, com uma cicatriz que lhe ocupa uma parte dele, os dois dentes dianteiros algum tanto tressados, pouco cabelo".<sup>6</sup> Outra escapada seria a de cativo "preto por nome Sebastião, de mediana estatura, seco do corpo, cor azevichada".<sup>7</sup> Sobre o fugido Felipo – que se evadira com "um seu irmão que se chama Simão, negro livre, e Soldado que foi no Regimento da Rainha Anna" – sabia-se que os seus "sinaes" eram: "cabelo de corredio, cara comprida, olhos pequenos, nariz grande e delgado do corpo, é mulato de cara, cabelos crespos e alto de corpo".<sup>8</sup> De "um Negro" evadido no alvorecer de 1719 falava-se que era "comprido do corpo, e delgado, a cabeça pequena, os pés grandes, e pernas mal feitas".<sup>9</sup> Com relação ao fujão Cristovão, pertencente à Feliz Joseph Machado, sabia-se que era "alto do corpo com dois dentes menos da parte de fora, ou quatro".<sup>10</sup> Sobre o desaparecimento de Agostinho, "pequeno do corpo" era importante a descrição de "cor azevichada, uma orelha mais baixa que a outra imperfeita, junto a cada uma tem um brinco".<sup>11</sup> Para fevereiro de 1720 registrava-se a escapulida "à boca da noite" de um "turco argelino, por nome Allala, de idade de dezoito anos para vinte, de estatura baixa, amulatado da cara, cabelo cortado para cabeleira, as pernas arqueadas dos joelhos".<sup>12</sup> De uma morada, na Belém de Lisboa, tinha sumido "um Mouro por nome Hamet, de cor pálida" que era "alto de corpo e encorpado".<sup>13</sup> Sobre "um Mouro por nome João" sabia-se que tinha "estatura alta, corpado" enquanto "um Mulato" tinha "cabelo corredio, tem bom corpo, os olhos escancarados".<sup>14</sup>

Como a imprensa colonial e pós-colonial montou tópicos, adaptou convenções literárias e construiu taxonomias sobre o corpo escravizado nos textos/subtextos de anúncios de fugas, compra, venda e aluguel? No alvorecer oitocentista, nas cidades atlânticas do Rio de Janeiro e Salvador, temos o *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Idade do Ouro*, periódicos que fizeram emergir os primeiros anúncios de escravizados em jornais coloniais do Brasil. Do "escravo de nome Cosme, nação Cassange de idade de 30 anos mais ou menos" classificava-se: "cheio do corpo, alto a proporção, barba cerrada com as entradas da testa grandes, e algumas faltas de cabelo adiante".<sup>15</sup> Já o contumaz fujão Joaquim, "um

<sup>6</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 1º dez. 1718.

<sup>7</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 22 dez. 1718.

<sup>8</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 12 jan. 1719.

<sup>9</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 2 mar. 1719.

<sup>10</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 27 jul. 1719.

<sup>11</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 10 ago. 1719.

<sup>12</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 1º fev. 1720.

<sup>13</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 1º jan. 1722.

<sup>14</sup> *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 23 mar. 1724; 22 jun. 1724.

<sup>15</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1809.

moleque de nação Angola” era “alto, tem o rosto redondo, dentes, e olhos grandes, e uma cicatriz em uma canela”.<sup>16</sup> Enquanto isso, faltava a Dona Ana Emerenciana, moradora na Rua direita da Lapa do Desterro, casa número 33 “uma negra boçal, chamada Rita, de Nação Benguela, com os sinais seguintes: estatura ordinária, cabeça comprida”.<sup>17</sup> Desaparecido dois anos antes – em 1807 – continuava escondido “um Moleque, chamado Miguel de Nação Usá [hausá] de idade de 13 a 14 anos, cara redonda, nariz grosso na ponta, bem preto e refeito”.<sup>18</sup> Sobre a evasão de “um Moleque de 14 anos, Nação Cabinda” registrava-se: alguém “magro, olhos grandes, os dois dedos mínimos de cada pé mais curtos do que é costume, inteiramente bruto”.<sup>19</sup> Desenhava-se assim diferentes tipos de africanos – enquanto descrição de corpos, atitudes, comportamentos e mentes – em espaços urbanos atlânticos. Vejamos: quem escapou de “Manoel de Almeida, morador na Rua dos Ourives número 25” foi “um Escravo, chamado Francisco, de Nação Benguela, com aparências de Crioulo, muito ladino” com “estatura mais que ordinária e rosto algum tanto comprido”.<sup>20</sup> Dos dois escravizados fugitivos “de Nação Moçambique, ainda boçais, e se chamam Cesário e Tibúrcio” avaliava-se que o primeiro era “alto, de barba serrada” e o segundo “de estatura ordinária, e com principio de barba”.<sup>21</sup> Quanta a escapulida de um “preto Mina” se enfatizava: “estatura alta, bem reforçado, beiços grossos, cara redonda, feia e sem sinal”.<sup>22</sup> Sobre “uma escrava por nome Maria Nação Gabão” era garantido que tinha “estatura menos da ordinária”.<sup>23</sup>

Como contraponto a Corte Joanina do Rio de Janeiro, na emergência de tópicos sobre os corpos escravizados africanos nos anúncios de jornais verificamos o *Idade do Ouro*, para Salvador – Capitania da Bahia – especialmente nas iniciais edições de 1812 e 1813. Mesmo com descrições sumárias, as clivagens entre escravizados já começavam a constituir padrões, obedecendo ao mercado atlântico e as variadas apropriações. Em 1812, na fuga de dois africanos, um era “João nagô, novo, alto” e outro “Domingos ladino, Auçá [hausá], baixo, pés mal feitos, cara feia, olhos encovado”.<sup>24</sup> Outro escapulido era “um negro por nome Ambrosio, de Nação Bissau, que tem os sinais seguintes: alto, cor azevichada, falto de dentes”.<sup>25</sup> Já “um negro de nação Mina de nome Pedro” era “alto, cara comprida, beiços, e

<sup>16</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1º abr. 1809.

<sup>17</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 abr. 1809.

<sup>18</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 maio 1809.

<sup>19</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1809.

<sup>20</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1809.

<sup>21</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1809.

<sup>22</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1809.

<sup>23</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1810.

<sup>24</sup> *Idade do Ouro*, Salvador, 7 jul. 1812.

<sup>25</sup> *Idade do Ouro*, Salvador, 11 set. 1812.

olhos grandes".<sup>26</sup> De outro africano islamizado hausá, descrevia-se com "cara redonda, nariz chato, beijos vermelhos, barrigudo, estatura ordinária, perna delgada, e pé bem feito".<sup>27</sup> No desaparecimento de "uma escrava por nome Thereza, de nação Benim" enfatizava-se que tinha a "estatura alta, magra".<sup>28</sup> Mais generosa seria a descrição sobre Joaquim de nação Oíá: "bastantemente alto, ainda moço, bem feito, muito preto, com o rosto lanhado, bons dentes, meio ladino".<sup>29</sup> Capítulos sobre a história dos corpos inventados de africanos aparecem nestas fontes.<sup>30</sup> A africana Cassange de idade de 13 para 14 anos era descrita como "baixa, tem os beijos grossos, nariz chato e alguma coisa reforçado".<sup>31</sup> Já Silvana, africana Conga de "idade pouco mais ou menos 28 anos" tinha "estatura baixa, cheia de corpo".<sup>32</sup> Diogo Angola tinha "rosto redondo, olhos grandes, nariz bastante chato e boca regular",<sup>33</sup> enquanto que Guilherme Cabinda trazia "cara comprida, olhos pequenos, muito cheio de corpo, peitos largos, pernas finas e pés compridos".<sup>34</sup>

Mais do que convenções tratavam-se de descrições que reuniam impressões senhoriais, mesmo que improvisadas, instantâneas e provisórias. Algo que ajudaria na captura, denúncias e rápida identificação do africano procurado. Havia de ser algo o mais próximo possível daquele escravizado africano específico a quem se procurava, que não deixasse margem para dúvidas ou equívocos, ainda mais naquele contexto com milhares e milhares de africanos nas ruas. Imagens eram produzidas e circulavam para o domínio e reconhecimento daquela sociedade escravista urbana. Qual seja, só se poderia reconhecer (portanto encontrar) aquilo que já se conhecia. Por exemplo, a fugitiva Isabel "de nação" era "bonita de cara", pois tinha "boca grande, beijos grossos, pés pequenos e bem feitos".<sup>35</sup> Já Jeremias, nação Moange tinha "estatura ordinária e cor retinta"<sup>36</sup> enquanto Maria Monjolo apresentava "estatura alta e rosto comprido".<sup>37</sup> Felipe Congo, além de "gordo" tinha "os olhos e boca grande".<sup>38</sup> De Sebastião, "um preto rapaz" sabia-se das suas "feições regulares" com "boca pequena e beijos finos".<sup>39</sup> Por sua vez, Bento Cabinda era "gordo e

<sup>26</sup> *Idade do Ouro*, Salvador, 15 set. 1812.

<sup>27</sup> *Idade do Ouro*, Salvador, 16 mar. 1813.

<sup>28</sup> *Idade do Ouro*, Salvador, 3 set. 1813.

<sup>29</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 set. 1840.

<sup>30</sup> Sobre as invenções de "africanos", ver: SLENES, Robert W. "Malungo Ngoma vem!": África coberta e descoberta no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, v. 12, 1991-1992.

<sup>31</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1840.

<sup>32</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1840.

<sup>33</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1840.

<sup>34</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1840.

<sup>35</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1840.

<sup>36</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1840.

<sup>37</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1840.

<sup>38</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 maio 1840.

<sup>39</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1840.

socado, retinto, feio".<sup>40</sup> A descrição do "moleque" Ignácio Congo foi bem indicativa com "testa e olhos grandes, beijos grossos, bem feito de corpo, mas não é bonito de cara".<sup>41</sup> O dono do fugido Cristovão Benguela foi mais incisivo avisando que o mesmo era "mal encarado".<sup>42</sup> Este foi também o adjetivo usado tanto para João Moçambique que tinha o "corpo grosso" como para Joaquim Cabalar com "olhos vermelhos e nariz chato".<sup>43</sup> De Ventura "nação Gabão" era preciso saber que era "muito bexigoso, magro e tem o nariz chato" e de Raimundo Cabinda que tinha "estatura alta e rosto magro".<sup>44</sup> As descrições físicas não eram completamente aleatórias ou genéricas. Eram conjugadas com indicações sobre barba, cabelos e dentes. Assim seria possível reconhecer rapidamente um determinado africano. Antonio Moçambique, além de "olhos grandes e encarnados" tinha o "cabelo redondo". Enquanto Candido Moçambique aparecia com o "cabelo cortado de próximo". Diferente era Fortunato, que não só tinha "pés grandes e largos", mas também "cabelo penteado".<sup>45</sup> Sobre Diego Inhambane com "cara redonda e olhos grandes" tinha a "cabeça raspada de 15 dias". Uma preta Angola, que se desconfiava "ter sido desencaminhada" tinha o "cabelo crescido". O que dizer das africanas Floriana Inhambane e Maria Conga? A primeira tinha "cabelos grandes" e a outra "cabelos crescidos". Pequenas diferenças, mas detalhes importantes, em narrativas controladas e acionadas pelo mercado urbano escravista.<sup>46</sup>

Na primeira metade do século XIX viajantes europeus também anotaram e descreveram faces do corpo dos africanos e suas preferências no mercado carioca. Em 1819, os prussianos Theodor Von Leithold e Ludwig Von Rango lembrariam que os africanos da região de Angola vendidos no Rio tinham "traços tão feios que parecem caricaturas", embora "suas proporções físicas são bem regulares".<sup>47</sup> Já o alemão Hermann Burmeister destacaria em 1850 que os "negros do Rio foram trazidos da Benguela, Angola, Cabinda e Moçambique, embora houvesse grande preferência pelo preto da Guiné, da Costa do Ouro, que chama de 'preto mina'".<sup>48</sup> Para o viajante norte-americano Thomas Ewbank, os "negros de Moçambique" eram "considerados os melhores escravos". Em 1846 no Rio de Janeiro ele avaliava que tais africanos eram "tão inteligentes quanto os Minas da Costa do Ouro, porém

<sup>40</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 5 set. 1840.

<sup>41</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 set. 1840.

<sup>42</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 24 set. 1840.

<sup>43</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2 maio 1841.

<sup>44</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1842.

<sup>45</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1842.

<sup>46</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1842.

<sup>47</sup> LEITHOLD, J. Von; RANGO, L. Von. *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 147.

<sup>48</sup> BURMEISTER, Hernam. *Viagem ao Brasil: através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Martins, 1952, p. 56.

mais pacíficos, fiéis e merecedores de confiança, alcançam um alto preço.<sup>49</sup> Em 1828, para o reverendo Robert Walsh, os africanos seriam semelhantes a macacos, pois "ao contemplá-los, sua constituição física nos fazia pensar em seres inferiores ao homem: calcanhares compridos e salientes; pernas desprovidas de panturrilha; boca e queixo salientes; nariz achatado e frentes fugidias".<sup>50</sup> Como demonstrou Eneida Sela, na primeira metade do século XIX, inúmeros viajantes europeus construíram um padrão narrativo sobre os africanos – especialmente no Rio de Janeiro – através de taxinomias baseadas em um conjunto de tópicos que circulavam no mundo atlântico.<sup>51</sup> Em várias partes das Américas e seus contextos e impactos da escravidão atlântica, milhões de homens e mulheres foram transformados em "africanos", depois em "negros" e "escravos".<sup>52</sup>

No Rio de Janeiro, marcadores corporais sistemáticos e abundantes apareceriam também na documentação policial, especialmente na década de 30, durante a proibição do tráfico, o apresamento de navios negreiros e o imediato recolhimento prisional.<sup>53</sup> Foi neste contexto que se produziu – via de regra uma documentação de natureza policial – um repertório de tópicos sobre o corpo dos africanos, sinais, símbolos e signos. Os Códices da série Polícia da Corte, assim como os maços da série Justiça (Coleção IJ 6) da Polícia da Corte contem coleções de registros sobre africanos – escravizados e livres (via dispositivos do tráfico considerado ilegal) – especialmente detalhando seus corpos em assentos prisionais, de óbitos e de apresamento do tráfico ilegal.

---

<sup>49</sup> EW BANK, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 260.

<sup>50</sup> WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. USP, 1985, p. 70-73.

<sup>51</sup> SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, Modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2008, p. 151-231.

<sup>52</sup> MORGAN, Jennifer L. *Laboring. Reproduction and gender*. In: *New World Slavery*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 13ss.

<sup>53</sup> Ver: CHALHOUB, Sidney. *A Força da Escravidão: Ilegalidade e Costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 71-108; MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres: Abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

**Tabela 1** – Descrições nos corpos dos africanos desembarcados no Rio de Janeiro

Descrições corporais mais comuns	
Vários pontos pelo rosto	Queixo pequeno
Umbigudo	Queixo metido para dentro
Umbigo liso	Picado de bexigas
Umbigo estufado	Peitos caídos
Testa saída para fora	Muito dentuça
Testa pequena	Marca de riscos verticais por todo o peito
Testa espaçosa	Magro
Riscos pelas costas	Dentes da frente limados
Riscos nos peitos	Dentes de cima limados
Queixudo	Bastantes riscos na cara
Queixo regular	Bastante retinto
Queixo	Bastante preto

Fonte: AN-RJ. Cód. 399 - Africanos remetidos para a Casa de Correção (1834-1836); AN-RJ. Cód. 400 - Óbitos de africanos (1834-1840).

Diante da proibição do tráfico, da contínua entrada ilegal de africanos, da vista grossa e cumplicidade das autoridades policiais e repressão, as décadas de 30 e 40 se configuram numa etapa original sobre a construção física e mental dos corpos africanos enquanto tópicas. A farta documentação de polícia, dos navios apreendidos e do envio para a Casa de Correção de africanos é acompanhada de detalhada descrição corporal. As tópicas do mercado, do tráfico atlântico, das convenções e das experiências (como os olhares senhoriais dos anúncios) vão adquirindo padrões estéticos, na confluência das imagens de raça que só ganharão delineamento e justificativa nas últimas décadas do século XIX.<sup>54</sup> Rostos, nariz, orelhas, bocas e lábios africanos – diversos – vão alcançando formas e conteúdos de distinção e valor.

Consideramos os códices 399 que registrava "os assentos dos africanos boças que vão remetidos para a Casa de Correção". Livro de registro aberto em 3 de junho de 1834, constando assentos até 11 de março de 1836. Ali aparecem em torno de 560 registros para quase 600 africanos. Tipologias vão surgindo, como de "hum preto de cinco pez de altura,

<sup>54</sup> Em termos historiográficos, as análises sobre o tráfico e as dimensões africanas aparecem, entre outros, nestes importantes estudos: ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O Trato dos Videntes: A formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; FLORENTINO, Manolo Garcia. *Em Costas Negras: Um estudo sobre o tráfico atlântico de escravizados para o Porto do Rio de Janeiro, 1790-1830*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; MARQUES, Leonardo. *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas*. Nova Iorque; New Haven: Yale University Press, 2016; FERREIRA, Roquinaldo. *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade*. New York: Cambridge University Press, 2012.

sem marca, bons dentes, e nariz mais afilado do que o ordinário, sobancelhas arqueadas e bastantes cabeludas" ou de "uma preta de cinco pés e quatro polegadas d'altura. Um S no braço direito, cor fula, um grande furo na orelha esquerda, imbiguda e uma cicatriz sobre o mesmo, sinais de nação pela barriga". Surgiriam desde assentos mais sumários como a de "uma moleca com 4 pés e oito polegadas com a marca L no peito esquerdo" como descrições mais detalhadas, tais como "uma moleca de quatro pés e meia polegada d'altura, um S no braço direito, sinais de nação sobre as maçãs do rosto, entre as sobancelhas e em cima dos rins" e de "uma dita [preta] marca A no peito esquerdo e uma marca no peito direito, que se não pode conhecer, nação Conga, e diz chamar Comba, idade 10 para 12 anos, altura 4 pés e 3 polegadas".<sup>55</sup> Já o Códice 400 foi destinado aos assentos de Óbitos dos africanos ilegais e recém desembarcados, antes de serem remetidos para a Casa de Correção. Ali aparecem registrados cerca de 800 africanos, sendo que 40% com descrições corporais detalhadas. Como de "um africano n. 3 de nome Manoel Nagô, de 4 pés e 9 polegadas d'altura, rosto comprido, olhos grandes digo pequenos, nariz regular, lábios grossos, bastante barba, com sinais da terra no rosto, e falta de dentes na frente de cima" ou "um[a] africana de nome Alexandrina, Benguela, de n. 139 com a marca S na espádua direita, idade presumível de doze anos, rosto comprido, olhos grandes, beijos finos, nariz meio afilado".<sup>56</sup>

Nos quadros abaixo organizamos um conjunto taxonomias produzidas sobre o corpo dos africanos no segundo quartel do século XIX, especialmente nas décadas de 1820, 1830 e 1840 com a proibição do tráfico atlântico. Consideramos possibilidades analíticas de ver tais classificações de africanos recém-desembarcados também como o resultado dialógico de apreensões e percepções ressemantizadas da travessia atlântica e seus agentes.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> AN-RJ. Códice 399 – Africanos remetidos para a Casa de Correção (1834-1836), fls. 10, 12, 13, 32, 44v.

<sup>56</sup> AN-RJ. Códice 400 – Óbitos de africanos (1834-1840), fls. 13, 73.

<sup>57</sup> Sobre convenções e representações sobre os corpos dos escravizados que já aparecem em narrativas de travessias atlânticas e suas ressignificações, ver a abordagem de: BERNIER, Celeste-Marie. "Arms Like Polished Iron": The Black Slave Body in Narratives of a Slave Ship Revolt. In: WIEDEMANN, Thomas; GARDNER, Jane (orgs.). *Representating the Body of Slave*. Londres; Portland: Frank Cass, 2002, p. 91-94.

**Tabela 2** – Descrições físicas em diferentes partes dos corpos dos africanos

<b>Rosto</b>	<b>Nariz</b>	<b>Orelhas</b>	<b>Boca e Lábios</b>
Regular	Pequeno	Bastante pequenas	Regular
Oval	Mais afinado	Chatas	Pequena
Feições regulares	Mais afinado do que o ordinário	Cortadas	Mais que ordinária
Feições miúdas	Grosso	Esquerda furada	Lábios grossos
Feições mais que ordinárias	Furados	Furadas	Lábios finos
Feições grossas	Chato e grosso	Furadas e pequenas	Lábio superior bastante grosso
Feições cheias	Chato	Grandes	Grande
Feições bonitas	Bem feito	Grandes, furadas	Vermelhos
Comprido	Bem chato	Mais que pequenas	Mais grossos que o ordinário
Cara grande	Bastante chato	Pequenas	Beijudo
Cabeça grande	Afinado		Beijos um tanto saltados para fora
			Beijos caídos para baixo
			Beijo de baixo pintado

Fonte: AN-RJ. Cód. 399 - Africanos remetidos para a Casa de Correção (1834-1836); AN-RJ. Cód. 400 - Óbitos de africanos (1834-1840).

Este era um padrão de descrição dos corpos africanos nos registros da documentação de Polícia da Corte. Sobre o perfil etário de cerca de 430 africanos, coletadas em registros da Comissão Mista e da Polícia da Corte, Karasch anotou que 75% era de homens e 25% de mulheres, sendo as idades variando de 5 a 54 anos. Africanos recém desembarcados com mais de 25 anos somavam apenas 10,1%, enquanto que aqueles entre 5 e 9 anos equivaliam a 6,7%. A maior concentração era de africanos entre 10 e 19 anos com 60,3%. Cabe destacar que as mulheres concentravam-se mais em africanos de 10 a 14 anos e os homens naqueles de 15 a 19 anos. Considerando a faixa etária através dos registros de 10 embarcações negreiras apresadas pela repressão ao tráfico ilegal entre 1831 e 1841 2/3 dos africanos importados tinham menos de 15 anos. Prevalencia a escolha de meninos em detrimento de homens mais velhos e mulheres, crianças ou mais novos. Aproximadamente 43% dos africanos desembarcados era de meninos.<sup>58</sup>

<sup>58</sup> KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 69-71.

No Rio de Janeiro, a Casa de Correção seria a principal instituição – com dinâmicas e agentes visando formas de governo – a reunir o maior conjunto de detalhamentos sobre os africanos e seus corpos.<sup>59</sup> Comparando as observações de determinados saberes médicos que veremos sobre o corpo dos escravizados africanos – pés, pernas grossas, tornozelos finos, cabelo, orelha, nariz, pescoços etc. – com as tópicas dos anúncios e aquelas dos agentes policiais, acreditamos ser possível articular tais montagens discursivas com as retóricas da administração dos escravos, paternalismo, manuais etc. que combinavam prescrições, convenções literárias, experiências senhorias, inclusive aquelas do mercado atlântico. Em 13 de junho de 1841, oficiava as autoridades de Polícia da Corte, João José da Silva Pinto – morador da rua da Ajuda, número 101 – que tinha obtido os serviços (“tendo obtido dos africanos que ultimamente se distribuíram”) a africana Ricarda, nação Benguela. Alertava que a carta de cessão da dita africana “não estava coerente com os sinais que a africana tem no corpo”. Solicitava das autoridades “proceder um exame ou vistoriar” a referida africana posto “esse equívoco produzir sérias dúvidas para o futuro”.<sup>60</sup>

## Políticas do corpo

Na construção das teorias de administração dos escravos no Brasil no século XIX, não há muitas referências ao mercado de escravos propriamente. Os principais manuais e autores – bem analisados por Marquese – estavam mais preocupados com a disciplina, as roças, as famílias, os castigos, as recompensas e a moradia dos escravizados.<sup>61</sup> Qual seja, interesses nas dimensões de propriedade, mas posteriores a experiência da aquisição, em especial a venda de africanos pela primeira vez pós o desembarque atlântico. Exceção apareceria no manual produzido pelo médico francês Jean-Baptiste Alban Imbert.<sup>62</sup> Ele que chegou ao Império do Brasil em 1831, apresentaria em seu Manual do Fazendeiro reflexões acerca da administração das escravarias. A primeira edição data de 1834 e a segunda, de 1839, ambas após a legislação sobre o fim do tráfico transatlântico.

A partir do texto de Imbert é possível mergulhar nas lógicas do mercado de escravizados articuladas com as construções narrativas sobre o corpo do africano. Assim enveredamos pelas perspectivas e teorias de saberes médicos, elaborados como formas de manutenção e aumento da propriedade em tempos de demandas, escassez e aumento de

<sup>59</sup> Ver: ARAUJO, Carlos Eduardo Moreira. *Cárceres imperiais: a Casa de Correção do Rio de Janeiro: seus detentos e o sistema prisional no Império, 1830-1861*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

<sup>60</sup> AN-RJ. IJ 6 maço. 467 (1840-1857), Série Polícia da Corte, 13 jun. 1841.

<sup>61</sup> MARQUESE, Rafael Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>62</sup> Ver: VIANA, Iamara da Silva. *Jean-Baptiste Alban Imbert: discurso médico e controle social sobre populações escravas, Rio de Janeiro (1830-1850)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

preços pós 1831. O conhecimento do corpo escravizado – anatomias e origens – era fundamental para atender as exigências daquela conjuntura política, econômica e cultural. Reunir muitos africanos – nos barracões, navios, portos e armazéns – era um problema. Os “rigores da jornada da África” afetavam o corpo escravizado. Muitos “chegavam quase invariavelmente magros e descarnados, com pele escrofulosa cheia de feridas, brotoejas e sarna, para não mencionar as bexigas horríveis de varíola”.<sup>63</sup>

Para além das diferentes práticas empregadas para burlar a lei, saberes médicos apresentavam alternativas: cuidar do corpo escravizado para maximizar sua utilização, num momento de expansão econômica e entrada massiva de africanos.<sup>64</sup> Na perspectiva do médico francês, significava conhecer suas anatomias, constituição física, temperamentos e origens. Para Imbert, o corpo do escravizado deveria ser esquadrihado atendendo as demandas econômicas e políticas. Imbert destacaria o corpo escravizado como valor, investimento e força do trabalho. Analisando-o conjuntamente com sua composição, poder-se-ia comprar africanos escravizados que não desenvolvessem doenças e não comprometessem a sua utilização nas fazendas, bem como os investimentos e capitais envolvidos. Na introdução de seu *Manual*, Imbert já definiria o comércio negreiro como “abominável e odioso”, que por séculos recrutou “nessa parte do mundo, onde a natureza pôs o berço da raça negra, aliás chamada Africana”.<sup>65</sup> Haveria diversidades – associadas a valores, interesses e usos – físicas e mentais entre os escravizados.

ninguém ignora esta diferença, ou confunde um negro do Alto Guiné, ou Costa do Ouro, com o da Baixa Guiné, ou Reino do Congo. Os negros da Costa do Ouro são reputados os melhores escravos, e são, a exceção dos Minas, estatura regular, fortes, bons trabalhadores, sóbrios e orgulhosos: o Mina é alto, bem conformado, e de aspecto altivo.<sup>66</sup>

Destacaria a impossibilidade de confundir diferentes africanos. Identificá-los no momento da compra garantiria acesso aos melhores escravizados: bons trabalhadores. O capítulo I – título I do Manual do fazendeiro – é dedicado aos que procuravam fazer boas escolhas de escravizados:<sup>67</sup>

a venda dos negros entre os particulares, constitui no Brasil um ramo de comércio mui considerável. São os escravos como uma mercadoria, que passa de uma mão a outra para o consumo, com a única diferença de reservar-se o

<sup>63</sup> KARASCH, Mary. *A vida dos escravos... Op. cit.*, p. 74.

<sup>64</sup> Ver: CHALHOUB, Sidney. *A Força da Escravidão... Op. cit.*; MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres... Op. cit.*

<sup>65</sup> IMBERT, J. B. A. *Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839, p. XI. Para uma análise do manual *Observações sobre as enfermidades dos negros* (1776), de Jean-Barthélemy Dazille, cirurgião francês traduzido para a língua portuguesa em 1801, ver: NOGUEIRA, André. Universos coloniais e “enfermidades dos negros” pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 179-196, 2012.

<sup>66</sup> IMBERT, J. B. A. *Manual do Fazendeiro... Op. cit.*, p. 2.

<sup>67</sup> *Ibidem*, cap. I, p. 1.

comprador, em geral, o direito de fazer examinar sua boa, ou má qualidade, antes de fechar o trato. Recorre-se para este fim a um Médico, ou Cirurgião, que emite o seu juízo sobre as qualidades, ou defeitos físicos do negro, juízo que serve de norma no mercado.<sup>68</sup>

O mercado de escravos deveria contar não somente com a experiência de traficantes, capitães de navios e mercadores. Também médicos e cirurgiões deveriam ser acionados. Não exclusivamente para erradicar epidemias no litoral, nos barracões africanos ou na travessia atlântica. Mas fundamentalmente no mercado e no momento da aquisição de escravizados. Práticas e experiências do mercado eram importantes, mas não evitavam perdas para fazendeiros com consideráveis investimentos, especialmente no período de tráfico ilegal com abundância de africanos ofertados, porém em situações clandestinas e distantes das expectativas legais alfandegárias e sanitárias. Médicos e cirurgiões eram prestigiados devido aos seus supostos conhecimentos sobre o corpo escravizado.

No episódio que iniciamos este artigo – através da africana *Cumba* – advogados de defesa e acusação se revezaram em argumentos, atacando as condições das viagens, dos armazéns e das casas de comércio. Além do mais, haveria que se ter mais atenção nas escolhas dos africanos a serem comprados. O advogado da compradora Joana foi veemente: “O fato de a Autora ter examinado por si e vista a escrava no Armazém nada influi, já porque ela examinava a figura que lhe agradava, já por que a doidice com lúcidos intervalos não se conhece durante estes”.<sup>69</sup>

Segundo Imbert, a atribuição de médicos e cirurgiões no “exame” conferia confiabilidade nos negócios e legitimidade em caso de pendências comerciais. Eles poderiam se precaver e evitar a aquisição de “uma mercadoria” com “defeitos físicos” ou que sugerisse o desenvolvimento de futuras e conhecidas doenças. Deveriam normatizar as precauções a serem consideradas pelos compradores. Além disso, o *saber* e o controle do corpo do escravizado permitiriam maior autoridade sob a força de trabalho a ser explorada, bem como determinação sobre as causas e tratamentos de enfermidades. Como abordou Johnson, haveria diferenças no mercado de escravos entre o “olhar” e o “examinar” no tocante aos compradores.<sup>70</sup> Saber e controle do corpo atendiam a pressupostos diferenciados, segundo o olhar de Imbert:

Quanto aos negros, esses nós os temos divididos em quatro classes: compreende a 1ª. os de 10 até 18 anos de idade; a 2ª. os de 18 até 35; a 3ª. os de 35 até 55; e a 4ª. os de 55 para cima. A cada uma destas classes está com especialidade destinado tal ou tal gênero de trabalho, calculado segundo as forças, a inteligência, e a experiência próprias destas diferentes épocas da vida. Cada uma dessas classes tem de mais a mais um chefe inspetor, sujeito, todavia às ordens de um negro de confiança, o qual faz as vezes de nosso superintendente, e a quem havemos delegado o poder necessário para obrigar a obediência de seus parceiros no que importa a nossos interesses. A

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>69</sup> AN-RJ. Relação do Rio de Janeiro, cx. 583, proc. 1093.

<sup>70</sup> JOHNSON, Walter. *Soul by Soul*. Life inside the Antebellum Slave market. Cambridge, MASS: Harvard University Press, 1999, p. 135-161.

favor desta escala de autoridade, conseguimos nós estabelecer harmonia entre as molas de ação, e simplificamos o seu mecanismo com ordem e regularidade.<sup>71</sup>

Normas e costumes do mercado recebiam agora o reforço dos saberes médicos. Estratificações etárias eram importantes, pois auxiliariam nas expectativas dos compradores quanto à utilização dos escravizados. Deveria haver uma normatização sobre o corpo do escravizado a ser negociado. Escolhas – e certamente os valores associados – deveriam estar informadas por tais saberes:

Ainda que, pela maior parte, sejam nossos leitores justos apreciadores do bom, ou mal estado de saúde do preto, submetido ao seu exame, julgamos todavia que nos levarão a bem o apresentar-lhes algumas ideias gerais, que sendo atendidas, tornarão o exame muito mais seguro nos seus resultados; e principiaremos por notar, que cada clima, cada país, imprime a seus habitantes uma fisionomia particular, que contribui a fazer reconhecer o lugar do seu nascimento.<sup>72</sup>

O que denominava "fisionomia" eram as características físicas dos escravizados, associadas também as suas origens. Para Imbert não se deveria confundir "negros nascidos no Alto Guiné, ou Costa do Ouro, com os nascidos na Baixa Guiné, ou Reino do Congo". Confundi-los significava escolhas mercantis ruins: "os negros da Costa do Ouro são reputados os melhores escravos, e são, a exceção dos Minas, estatura regular, fortes, bons trabalhadores, sóbrios e orgulhosos: o Mina é alto, bem conformado, e de aspecto altivo". Ao contrário, os negros do Baixo Guiné, ou Reino de Benguela, "são de estatura baixa, e peito comprido e reforçado", tendo natureza "inimiga do trabalho". A exceção seriam as negras do Congo, posto que "merecem estima, porque costumadas no seu país a cultivar a terra, são em geral laboriosas".<sup>73</sup>

Com o argumento médico, Imbert construiria uma classificação própria sobre o corpo do escravizado, seus usos e valores mercantis.

- 1º. Cabelos encrespados em demasia, testa pequena, ou baixa, olhos encovados, e orelhas grandes, denotam ordinariamente mau caráter;
- 2º. Nariz demasiado chato, e ventas mui apertadas, são defeitos que incomodam a respiração, porque não permitem a livre entrada, e saída do ar;
- 3º. Língua comprida mui espessa, ou mui delgada, dentes mal seguros amarelos, ou pretos, demasiados ou mui pouco salientes, gengivas moles de cor lívida que sangram ao menor toque, respiração presa e fétida; são outras tantas imperfeições físicas, que indicam mal estomago, ou a existência de vício no sangue;
- 4º. Pescoço comprido, com espáduas elevadas mui inclinadas para frente, e que tornam o peito estreito, e o sternum curto (osso colocado no meio peito), são sinais certos de que os órgãos colocados nesta cavidade se acham em mau estado;
- 5º. Deve recusar-se todo o negro que tiver as pernas finas, compridas, e os pés chatos, porque tais escravos nunca são fortes, e são muito mais sujeitos do que os outros a úlceras e inchação das pernas, donde provém

---

<sup>71</sup> IMBERT, J. B. A. *Manual do Fazendeiro...* Op. cit., cap. XL, p. 357-358.

<sup>72</sup> *Ibidem*, cap. I, p. 1.

<sup>73</sup> *Ibidem*. p. 2.

naturalmente esses tumores incuráveis dos pés, que desenvolvem frequentemente a elephancia, moléstia hedionda<sup>74</sup>

Imbert assim traduzia – incorporando e ao mesmo tempo ampliando – tópicos sobre o corpo do africano, que de alguma maneira informava aquela sociedade escravista urbana nas décadas de 30 e 40. Observações sobre características físicas, enfermidades aparentes ou não eram itens valiosos.

seja o pé redondo, a barriga da perna grossa, e o tornozelo fino, o que a torna firme; que a pele seja lisa, não oleosa, de uma bela cor preta, isenta de manchas, de cicatrizes, e de odor demasiado forte; que as partes genitais sejam convenientemente desenvolvidas, isto é, que nem pequem por excesso, nem por cainheza, que o baixo ventre não seja saliente, nem o umbigo mui volumoso, circunstancias em que se originam sempre as hérnias; que o peito seja comprido, profundo, sonoro, as espáduas desempenadas, sem todavia estarem mui desviadas do tronco, sinal de não estarem os pulmões bem colocados; que o pescoço esteja em justa proporção com a altura do indivíduo, e que não ofereça aqui e ali, mormente sob a queixada tumores glandulosos, sinal evidente de afecção escrofulosa, que conduz cedo ou tarde a uma tísica, que os músculos dos membros, do peito e das costas, sejam bem salientes; que as carnes não sejam moles, e sim rijas, e compactas; e que o negro em fim deixe entrever no seu semblante o aspecto, ardor e vivacidade: reunidas todas estas condições, ter-se-á um escravo, que apresentará a seu Senhor, todas as garantias desejáveis de saúde, força e inteligência.<sup>75</sup>

Interessante notar os detalhes de tais observações – certamente saberes constituídos não só a partir de convênções, tópicos, mas, sobretudo em experiências junto aos próprios escravizados, fatores e o mundo do trabalho envolvente – por exemplo, com os pés e tornozelos dos escravizados africanos que poderiam ser utilizados nas lavouras, algo a exigir "firmeza" como alegava. Quanto às doenças cutâneas, eram muitas e alastravam-se rapidamente, principalmente a sarna. Assim, era preciso atentar para a cor e a textura da pele do escravizado africano a ser adquirido. Importante de se avaliar embora mais difícil fossem as doenças venéreas. Imbert ressaltaria a necessidade de avaliações específicas a respeito. Compradores também deveriam observar peitos e pescoços, principalmente se houvesse caroços, o que poderia indicar "cedo ou tarde" o desenvolvimento de uma *tísica*. Com tal cuidado econômico fundamental, compradores e futuros proprietários teriam mão-de-obra com garantia de saúde e força física. Foram vários os processos cíveis instaurados para desfazer compra e venda de escravizados – especialmente africanos recém-desembarcados – supostamente com enfermidades. Muitos duravam anos de pendengas judiciais, sem falar dos ônus gerados. Num processo que se arrastou por quase quatro anos, Joaquim Francisco de Freitas processava Inocêncio Pereira Caldas Novaes em 1851 sobre a compra do africano João Ambaca, por 400\$000 com a alegação de "que logo que o dito escravo veio para o poder do A. agravou-se a enfermidade oculta (gastro-entero-peritonites)

---

<sup>74</sup> IMBERT. J. B. A. *Manual do Fazendeiro... Op. cit.*, cap. I, p. 2-3.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 3.

que já sofria no estado crônico, pondo em perigo de vida". Os custos com despesas médicas foram de 31\$680 com sanguessugas, 3\$040 com medicamentos e 14\$0 com médico.<sup>76</sup>

Saberes médicos – ou ajuda deles e de cirurgiões – acerca do corpo escravizado em tempos de fins de tráfico transatlântico poderiam significar elevar ao máximo a vida útil daqueles trabalhadores. De forma estrita, o *Manual do Fazendeiro* fora escrito pedagogicamente para fornecer informações e conhecimentos que pudessem ser úteis em caso de doenças ou acidentes. Anunciado em jornais a 8\$000 réis, a partir de 1834, instruía senhores leigos nas artes acadêmicas de curar. Imbert associaria às doenças as distintas conformações do corpo do escravizado africano posto ao ver:

um negro com beijos despropositadamente grossos, o queixo inferior grande, dentes sem lustre e podres antes do tempo, cabeça volumosa, peito estreito e chato, barriga grande, carnes moles e frouxas, e demais a mais com pele fina e luzidia, podemos dizer que ele tem disposição para escrófulas.<sup>77</sup>

As escrófulas ou feridas, dependendo da gravidade, inviabilizavam os escravizados para o trabalho nas fazendas, ao mesmo tempo em que aumentavam gastos com dieta e medicação adequada. Para evitá-las, lábios, queixo, dentes, cabeça, peito, barriga e pele deveriam ser bem avaliados. Imbert chegaria a enumerar as diferentes características corporais às quais o proprietário deveria atentar, para evitar tal doença, que poderia levar ao desenvolvimento de uma tísica:

se o negro reúne a esta disposição orgânica, tão fácil de reconhecer logo a primeira vista, repetidos enfartes glandulosos no pescoço, convém imediatamente lançar mão de um regime e tratamento capazes de destruir essa manifesta tendência das escrófulas, ou antes é preciso atalhar a moléstia logo no seu começo.<sup>78</sup>

Mesmo após observar todas as indicações médicas, ainda assim o senhor poderia optar por comprar um escravizado que apresentasse algumas das disposições orgânicas descritas acima, principalmente os "enfartes granulosos no pescoço". Neste caso, Imbert orientava iniciar, o mais rápido possível, regime e tratamento que pudessem evitar o desenvolvimento das temidas escrófulas. Podemos considerar aqui a perspectiva de um "código de leitura" realizado por Imbert – mediante sua formação médica, acadêmica e pessoal – como algo mais amplo uma vez que a "leitura de nosso corpo não é apenas médica".<sup>79</sup> Era necessário entender e descrever corpos, distinguindo-os por gênero e raças, destacando peculiaridades físicas, emocionais e doenças.

Observando tais indicações médicas, segundo Imbert, fazendeiros afastariam problemas ou prejuízos futuros, ainda mais num contexto de elevação do preço dos cativos.

<sup>76</sup> AN-RJ. Relação do Rio de Janeiro, maço 253, proc. 2849.

<sup>77</sup> IMBERT, J. B. A. *Manual do Fazendeiro...* Op. cit., título IV, cap. XVII, p. 265.

<sup>78</sup> *Idem.*

<sup>79</sup> FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. *História do Corpo*. Vol. 2: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13.

Como destacou Marquese, a dificuldade em comprar escravizados levou alguns fazendeiros do Vale Paraíba Fluminense a uma *economia racional* do uso da sua mão de obra, utilizando grande maioria do plantel nas plantações de café, então o produto de maior lucratividade no contexto da *segunda escravidão* no Brasil. No cenário do fim do tráfico, conhecimentos emergiam importantes nesta *economia racional* do corpo escravizado em momentos-chaves, quais fossem, a compra, a doença e o parto, outro item analisado por Imbert. Significaria uma dimensão de *economia racional* relevante, no contexto de uma “economia-mundo industrial do século XIX [que] impusera aos senhores de escravizados americanos a necessidade do aumento constante da produtividade de seus cativos”.<sup>80</sup>

No que se refere à constituição frágil de alguns corpos, importa mencionar aqui, a distinção de Imbert entre negros e brancos, considerando aqueles muito mais suscetíveis às doenças do que estes. Assim, para ele era fundamental conhecer a origem do indivíduo, sua constituição física e seu temperamento. Ler o corpo, desta forma, passava a ser o domínio – também – da medicina, dos médicos que estudavam e se preparavam para atuar nesse espaço. A propósito, como salientou Faure, “se a medicina se transforma no principal guia de leitura do corpo e da doença é porque a ciência médica se elabora no seio da sociedade e como resposta a seus questionamentos, e não num universo científico totalmente subtraído da realidade”.<sup>81</sup> Esta seria uma leitura sobre a medicina no início do século XIX, posto que os médicos e a medicina se apropriassem dos elementos possíveis para sua construção deste lado do atlântico. Imbert não estava sozinho ao se preocupar com o mercado de escravo, compra de africanos e escolhas. Certamente reproduzia e narrava o que via e ouvia nas ruas, de senhores e compradores. Este também foi um tema para diversos viajantes que descreveram as suas próprias experiências de visitar o mercado e comprar escravizados.<sup>82</sup> Em meados da década de 1820, o viajante alemão Carl Schlichthorst visitando o mercado de escravo destacaria:

Quando se pede um escravo de determinada nação e idade, o negociante enfileira todos os que correspondem ao pedido, escolhendo entre eles um ou dois para exame mais acurado. Verificam-se para começar mãos e pés. Mandam-se fazer vários movimentos para ver que não tem defeitos. Examinam-se os dentes e o tórax. Afinal, levam-no repentinamente do escuro para a claridade, a fim de provar a sua vista.<sup>83</sup>

Taunay anotou como, em 1844, dois viajantes franceses que passariam pelo Rio de Janeiro para depois alcançar a China deixaram relatos detalhados sobre o mercado de *pretos*

<sup>80</sup>MARQUESE, Rafael de Bivar. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 18, n. 1, jan.-jun. 2010.

<sup>81</sup>FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>82</sup>Para uma crítica metodológica às visões dos viajantes sobre os escravos, ver: SLENES, Robert W. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, 1988.

<sup>83</sup>SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é, 1824-1826 (huma vez e nunca mais)*. Contribuições dum diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Zélio Valverde, 1943, p. 131.

*novos*. Contataram inclusive mercadores do tráfico negreiro também franceses, destacam o funcionamento ilegal e clandestino do mercado de venda de escravizados e visitaram os entrepostos de São Domingos e Praia Grande, em Niterói, outro lado da baía da Guanabara e o mercado do Valongo. Charles Lavollée admitia estar querendo comprar um cativo quando foi procurar seus patrícios franceses. Embora depois produzisse um relato de quase denúncia anotou detalhes. Percebeu – lado a lado dos mercadores e negreiros – o processo deles “examinar negro por negro, inspecionando-lhes o estado do rosto, dos braços e pernas” não havendo “parte do corpo que lhe escapasse ao exame” minucioso. Ele chegaria a ouvir “ignóbeis pilhérias do vendedor e o cinismo com que se referia aos defeitos dissimulados e as qualidades que sobressaíam de cada peça”. Seria um dia dedicado ao comércio, pois Lavolleé visitaria dois diferentes lugares no mercado de almas. Neste primeiro viu que “os negrinhos eram novos demais, não aguentariam ainda o trabalho rude das lavouras. E além de tudo estavam quase todos mais ou menos doentes, sobretudo oftálmicos, devido a longa permanência no porão do navio negreiro”. Assim foi “ver o resto do carregamento africano, numa outra fazenda”. Encontraria africanos “mais velhos e mais robustos” que “pareciam ter sofrido muito menos com a travessia”. Seria feito mais um movimento rotina no mercado entre expectativas de compradores, negreiros e os próprios africanos. Enquanto Lavolleé indagava sobre a “procedência e do nome das tribos a que pertenciam” viu que “tiveram os africanos de cantar e dançar para que dessem mostra de vigor”.<sup>84</sup> Taunay anotou igualmente as passagens do francês Jules Itier, viajante na mesma ocasião. Também no mercado de São Domingos viu os negreiros examinando os africanos “arregalava-lhes as pálpebras procurando possíveis inflamações, revistava-lhes cuidadosamente a dentatura, apalvava-lhes as pernas, certificava-se da boa confecção dos pés e conformação da bacia”.<sup>85</sup>

Imbert também partiria de observações e relatos. Em termos de discurso médico reproduzia tópicos e apontava para perspectivas de normatização. Como analisou Lima, na primeira metade do século XIX, as práticas médicas no Rio de Janeiro consideraram

---

<sup>84</sup> Para um debate sobre as implicações étnicas no mercado de escravizados africanos, ver: GOMES, Flavio dos Santos. A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir de registros eclesiásticos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 19, p. 81-106, 2012; GOMES, Flávio dos Santos. “Atlantic Nations” and the Origins of Africans in Late-colonial Rio de Janeiro: New Evidence. *Colonial Latin American Historical Review*, v. 20, p. 213-231, 2011; LOVEJOY, Paul E. Identifying enslaved africans in the African Diaspora. In: *Identity in the shadow of Slavery*. London; New York: Continuum, 2001; MANN, Kristin. Shifting paradigms in the Study of the African Diaspora and od Atlantic History and Culture. *Slavery & Abolition*, v. 22, n. 1, p. 3-21, 2001; MORGAN, Philip D. The Cultural Implications of the Atlantic Slave: African Regional Origins, American Destinations and New World Developments. *Slavery & Abolition*, v. 18, n. 1, 1997 (especialmente p. 130-131, 136ss.).

<sup>85</sup> Os relatos de Lavolleé e Itier são traduzidos, descritos e comentados por Taunay em: TAUNAY, Affonso de E. *No Brasil de 1840*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1935, p. 96-98, 126.

vivamente – nas retóricas, práticas discursivas e contatos físicos, os corpos dos escravizados.<sup>86</sup>

## Considerações finais

O que as representações sobre os corpos africanos escravizados e as lógicas de mercado oferecem de questões para o entendimento de uma economia política da escravidão?<sup>87</sup> Afinal, o corpo tem uma história – diferentes histórias – e não se pode desconsiderá-las. Como pensar o corpo do escravizado?<sup>88</sup> E mais: numa dimensão do *atlântico negro*. Que histórias podem revelar? Certamente muitas, variadas e complexas. Para as décadas de 30 a 50 – período de expansão econômica e entrada massiva de africanos no Sudeste via a cidade do Rio de Janeiro – podemos considerar contextos de construções ou consolidação de tópicos sobre o corpo africano (depois os crioulos e negros), suas dimensões físicas e comportamentais. O que teria mudado das dimensões anteriores sobre África e africanos inventados? Para o alvorecer do século XIX os anúncios seriam as primeiras traduções a respeito dos corpos dos africanos. Para ajudar na captura e reconhecimento – tanto de pedestres como daqueles que podiam denunciar os fugidos – surgiam visões senhoriais. Percepções sobre ocasiões da compra no mercado, das temporadas de convívio mesmo aquelas curtas – uma vez que eram comuns as escapadas de africanos recém-chegados comprados – eram suficientes para que os senhores pudessem reter informações, reproduzir tópicos, dar novos sentidos aos estereótipos e descreverem detalhes dos corpos, dos hábitos, dos costumes e das personalidades de seus escravizados. Muitas vezes tais narrativas repetitivas podem sugerir originais traduções sobre os africanos e dos próprios africanos. Mais do que somente convenções do mercado negreiro atlântico ou tópicos podemos a partir delas ver também como os próprios africanos – de diferentes origens – traduziam a si próprios para os olhares da sociedade escravista quase como “performances de liberdade”.<sup>89</sup>

<sup>86</sup> Ver: LIMA, Silvio Cezar. *O corpo escravo como objeto de práticas médicas no Rio de Janeiro (1830-1850)*. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

<sup>87</sup> Entrevistas com alguns dos principais historiadores que impactaram a historiografia temática nas últimas décadas aparecem em: GOMES, Flavio dos Santos. História, historiadores, ensino e pesquisa em História da Escravidão e da Pós-emancipação. *Revista ABPN*, v. 8, p. 296-315, 2016.

<sup>88</sup> Sobre o corpo e a maternidade da mulher escravizada, ver as reflexões recentes de: TELLES, Lorena Féres da S. *Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XIX)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>89</sup> Embora para outro contexto, consideramos aqui as reflexões sugeridas por: MARSHALL, Amani. “They Will Endeavor to pass for Free”: Enslaved Runaways’s Performances of Freedom in Atebellum South Carolina. *Slavery & Abolition*, v. 21, n. 2, p. 161-180, jun. 2010.

No episódio da compra da africana *Cumba* emergiriam cenas – invisíveis muitas das vezes em fontes cliométricas sobre a demografia do tráfico – do mercado de escravizados. Em estudo clássico Johnson analisou a economia política do mercado de escravos no sul dos EUA. Embora suas preocupações não fossem com o mercado atlântico de africanos recém-desembarcados construiu uma original abordagem que considerou das percepções escravas até as lógicas senhoriais, passando pelos agentes das casas de comércio.<sup>90</sup> Para além dos números de embarques, desembarques, portos, capitães e embarcações, seria importante ampliar olhares e abordagens sobre *tempos* e *espaços* imediatamente percorridos pelos africanos recém-desembarcados. Situações novas importantes e que marcariam suas vidas.<sup>91</sup> Locais e momentos de rapidamente traduzir ambientes, pessoas, falas, contabilizar separações (dos *mulungus* das viagens negreiras, muitos dos quais mortos) e reencontrar parentes rituais, que podiam ser marinheiros, *línguas* e outros tantos personagens da rede do tráfico que começava nos barracões do litoral africano e terminava em armazéns e casas de negócio na Corte.

A partir da experiência da travessia, o processo de chegada e a disponibilização nos mercados, os africanos podiam inclusive manter estruturas de parentesco, que incluíam companheiros da viagem negreira, *first time* de escravização indo até as alianças de casamentos, identidades étnicas reinventadas e formas associativas. Tais estruturas simbólicas, rituais, formalizadas ou não, muitas vezes apareceriam em registros eclesiásticos de banhos matrimoniais e em processos eclesiásticos, via testemunhas.<sup>92</sup> Chamada de *Cumba* no processo, aquela africana foi batizada e sepultada como Mariana, cabe lembrar. Enfim, em que medida tais dimensões imediatamente pré e pós mercado, qual seja, a venda do escravizado africano se configurou faces/fases da sua própria reconstrução física e emocional, fosse com medidas aferidas, avaliações médicas e fundamentalmente os olhares e exames do mercado e suas lógicas? No caso da africana *Cumba* e o processo gerado – entre acusações e defesas de quem comprava e de quem vendia – se argumentou que a compradora Joana Rosa dos Santos tinha que estar atenta quando da aquisição de tal escravizada, pois poderia ter averiguado suas condições de saúde e seu corpo, mesmo – se fosse o caso – consultando cirurgiões, práticos e mercadores experientes. Por outro lado, o vendedor Felix José dos Santos queria se livrar de responsabilidades quanto às supostas enfermidades congênicas da africana, considerando as possibilidades de epidemias e febres contraídas já no Rio de Janeiro “ou se a causa da morte foi o mau trato” segundo ele “como ordinariamente fazem os senhores aos escravos novos”.<sup>93</sup>

<sup>90</sup> JOHNSON, Walter. *Soul by Soul... Op. cit.*

<sup>91</sup> Sobre o papel de marinheiros, cirurgiões e interpretes dos africanos na travessia atlântica, ver: RODRIGUES, Jaime. *De Costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro, 1780-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>92</sup> Ver as reflexões de: BORUCKI, Alex. Shipmate networks and Black Identities in the Marriage Files on Montivideo, 1768-1803. *Hispanica American Historical Review*, v. 93, n. 2, p. 205-238, maio 2013.

<sup>93</sup> AN-RJ. Relação do Rio de Janeiro, anos 1826-1835, cx. 583, n. 1093.

Princípios, palavras, ações, comportamentos, valores, produtos, expectativas e imaginários conformavam *espaços* e *tempos* ainda pouco conhecidos de lojas, armazéns e casas de compra e venda de escravos. Significariam *espaços* onde os corpos podiam falar e *tempos* nos quais identidades inventadas, ainda que provisórias, se manifestariam.<sup>94</sup> É possível pensar nas narrativas do corpo – vários sinais diacríticos, passando das escarificações, penteados até as memórias corpóreas – como estruturas de identidades e identificações importantíssimas. Acionadas por mercadores, senhores, agentes policiais, mas também os próprios escravizados. Para além do cais do Valongo (ou naquele de São Domingos e outras partes) na sua dimensão portuária atlântica estrita ainda sabemos poucos destas paisagens fundamentais para os africanos imediatamente recém-chegados.<sup>95</sup> Dimensões mercantis extraordinárias da diáspora africana certamente emergiam nestes *espaços* e *tempos*, incluindo as aferições alfandegárias e mesmo os batismos e a atribuições de nomes cristãos.

---

<sup>94</sup> Seria fundamental repensar os impactos étnicos no Rio de Janeiro neste período de ilegalidade do tráfico no Brasil. Algumas reflexões aparecem em: CANDIDO, Mariana P. African Freedom Suits and Portuguese Vassal Status: Legal Mechanisms for Fighting Enslavement in Benguela, Angola, 1800-1830. *Slavery & Abolition*, v. 32, p. 447-459, 2011; CANDIDO, Mariana P. Slave Trade and New Identities in Benguela, c. 1700-1860. *Portuguese Studies Review*, v. 19, p. 43-59, 2011; FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Brasil e Angola no Tráfico Ilegal de Escravizados, 1830-1860. In: PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio Sombra (orgs.). *Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Fazendas em trocas de escravizados: circuitos de créditos nos sertões de Angola, 1830-1860. *Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, v. 28, p. 75-96, [s.d.]; MARQUES, Leonardo. A participação norte-americana no tráfico transatlântico de escravos para os Estados Unidos, Cuba e Brasil. *História: Questões e Debates*, v. 52, p. 91-117, 2010; MARQUES, Leonardo. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. *Tempo*, Universidade Federal Fluminense, v. 23, p. 339-359, 2017; MARQUES, Leonardo. Um último triângulo notório: contrabandistas portugueses, senhores cubanos e portos norte-americanos na fase final do tráfico transatlântico de escravos, 1850-1867. *Afro-Ásia*, UFBA, v. 53, p. 45-83, 2016; MILLER, Joseph. Angola central e sul por volta de 1840. *Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, v. 32, p. 7-54, [s.d.]; THORNTON, John. As Guerras civis no Congo e o tráfico de escravizados: a história e a demografia de 1718 a 1844 revisitadas. *Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, v. 28, p. 55-74, [s.d.].

<sup>95</sup> As mais bem documentadas descrições e análises sobre o mercado do Valongo aparecem em: KARASCH, Mary. *A vida dos escravos... Op. cit.*; RODRIGUES, Jaime. *De Costa a Costa... Op. cit.*

## Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O Trato dos Viventes: A formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARAUJO, Carlos Eduardo Moreira. *Cárceres imperiais: a Casa de Correção do Rio de Janeiro: seus detentos e o sistema prisional no Império, 1830-1861*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

BERNIER, Celeste-Marie. "Arms Like Polished Iron": The Black Slave Body in Narratives of a Slave Ship Revolt. In: WIEDEMANN, Thomas; GARDNER, Jane (orgs.). *Representating the Body of Slave*. Londres; Portland: Frank Cass, 2002.

BORUCKI, Alex. Shipmate networks and Black Identities in the Marriage Files on Montivideo, 1768-1803. *Hispanica American Historical Review*, v. 93, n. 2, p. 205-238, maio 2013.

CANDIDO, Mariana P. African Freedom Suits and Portuguese Vassal Status: Legal Mechanisms for Fighting Enslavement in Benguela, Angola, 1800-1830. *Slavery & Abolition*, v. 32, p. 447-459, 2011.

CANDIDO, Mariana P. Slave Trade and New Identities in Benguela, c. 1700-1860. *Portuguese Studies Review*, v. 19, p. 43-59, 2011.

CHALHOUB, Sidney. *A Força da Escravidão: Ilegalidade e Costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. *História do Corpo*. Vol. 2: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Brasil e Angola no Tráfico Ilegal de Escravizados, 1830-1860. In: PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio Sombra (orgs.). *Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Fazendas em trocas de escravizados: circuitos de créditos nos sertões de Angola, 1830-1860. *Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEEA/UCAM, v. 28, p. 75-96, [s.d.].

FERREIRA, Roquinaldo. *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade*. New York: Cambridge University Press, 2012.

FLORENTINO, Manolo Garcia. *Em Costas Negras: Um estudo sobre o tráfico atlântico de escravizados para o Porto do Rio de Janeiro, 1790-1830*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos Anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª ed. (ampliada). Rio de Janeiro; Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

GOMES, Flávio dos Santos. "Atlantic Nations" and the Origins of Africans in Late-colonial Rio de Janeiro: New Evidence. *Colonial Latin American Historical Review*, v. 20, p. 213-231, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos. A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir de registros eclesiásticos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 19, p. 81-106, 2012.

- GOMES, Flavio dos Santos. Escravidão. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Claudio Alves (orgs.). *Dicionário crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: Ed. UFBA, 2014.
- GOMES, Flavio dos Santos. História, historiadores, ensino e pesquisa em História da Escravidão e da Pós-emancipação. *Revista ABPN*, v. 8, p. 296-315, 2016.
- JOHNSON, Walter. *Soul by Soul*. Life inside the Antebellum Slave market. Cambridge, MASS: Harvard University Press, 1999.
- KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KLEIN, Herbert S. American Slavery in Recent Brazilian Scholarship, with Emphasis on Quantitative Socio-economic Studies. (Review Essay). *Slavery & Abolition*, v. 30, n. 1, p. 111-133, 2009.
- KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Ed. USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- LIMA, Silvio Cezar. *O corpo escravo como objeto de práticas médicas no Rio de Janeiro (1830-1850)*. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- LOVEJOY, Paul E. Identifying enslaved africans in the African Diaspora. In: *Identity in the shadow of Slavery*. London; New York: Continuum, 2001.
- MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres: Abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MANN, Kristin. Shifting paradigms in the Study of the African Diaspora and of Atlantic History and Culture. *Slavery & Abolition*, v. 22, n. 1, p. 3-21, 2001.
- MARQUES, Leonardo. A participação norte-americana no tráfico transatlântico de escravos para os Estados Unidos, Cuba e Brasil. *História: Questões e Debates*, v. 52, p. 91-117, 2010.
- MARQUES, Leonardo. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. *Tempo*, Universidade Federal Fluminense, v. 23, p. 339-359, 2017.
- MARQUES, Leonardo. *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas*. Nova Iorque; New Haven: Yale University Press, 2016.
- MARQUES, Leonardo. Um último triângulo notório: contrabandistas portugueses, senhores cubanos e portos norte-americanos na fase final do tráfico transatlântico de escravos, 1850-1867. *Afro-Ásia*, UFBA, v. 53, p. 45-83, 2016.
- MARQUESE, Rafael Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 18, n. 1, jan.-jun. 2010.
- MARQUESE, Rafael de Bivar; SALLES, Ricardo. A escravidão no Brasil oitocentista: história e historiografia. In: MARQUESE, Rafael de Bivar; SALLES, Ricardo (orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MARSHALL, Amani. "They Will Endeavor to pass for Free": Enslaved Runaways's Performances of Freedom in Antebellum South Carolina. *Slavery & Abolition*, v. 21, n. 2, p. 161-180, jun. 2010.

MILLER, Joseph. Angola central e sul por volta de 1840. *Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, v. 32, p. 7-54, [s.d.].

MORGAN, Jennifer L. Laboring. Reproduction and gender. In: *New World Slavery*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2004.

MORGAN, Philip D. The Cultural Implications of the Atlantic Slave: African Regional Origins, American Destinations and New World Developments. *Slavery & Abolition*, v. 18, n. 1, 1997.

NOGUEIRA, André. Universos coloniais e "enfermidades dos negros" pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 179-196, 2012.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Rebeldia escrava e historiografia. *Estudos econômicos*, v. 17, n. especial, p. 7-35, 1987.

RODRIGUES, Jaime. *De Costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro, 1780-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARTZ, Stuart B. Recent trends in the study of slavery in Brazil. *Luso-Brazilian Review*, v. 25, n. 1, p. 1-25, 1988.

SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, Modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2008.

SLENES, Robert W. "Malungo Ngoma vem!": África coberta e descoberta no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, v. 12, 1991-1992.

SLENES, Robert W. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, 1988.

SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil, Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

TAUNAY, Affonso de E. *No Brasil de 1840*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1935.

TELLES, Lorena Féres da S. *Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XIX)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

THORNTON, John. As Guerras civis no Congo e o tráfico de escravizados: a história e a demografia de 1718 a 1844 revisitadas. *Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, v. 28, p. 55-74, [s.d.].

VIANA, Iamara da Silva. *Jean-Baptiste Alban Imbert: discurso médico e controle social sobre populações escravas, Rio de Janeiro (1830-1850)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. USP, 1985.